

Pesquisa em psicologia social com a terceira idade

Joana Sanches-Justo

Mário Sérgio Vasconcelos

Universidade Estadual Paulista – FCL Assis

A velhice, da maneira como foi construída socialmente, está fortemente associada ao tempo, especialmente ao passado e é por este motivo que ao trabalharmos com idosos, na Psicologia, tendemos a dar um valor especial, se não exagerado, às memórias da juventude e da infância. A forma mais comum de disparo destas lembranças é a fotografia: constroem-se álbuns, livros-memória, caixinhas de lembranças com as imagens mais marcantes do passado para que se construa um espaço de fala e narrativa sobre a história de vida do idoso.

Se por um lado este tipo de trabalho valoriza o idoso como detentor de experiência e, conseqüentemente, de sabedoria, adquirida pelo tempo; por outro lado também o reafirma como aquele para o qual lhe resta pouco tempo de vida e, por isso, mais vale retomar e narrar o passado do que planejar o futuro. Este segundo aspecto, que leva à desvalorização tanto do idoso quanto da velhice, nos impulsionou a pensar novas maneiras de atuar junto à terceira idade que impulsionassem à percepção de si e da própria história como um percurso que não se finda aqui e agora, mas que continua no futuro.

Afinado a este ponto de vista está a percepção da memória não apenas como uma retrospectiva da vida, mas também a possibilidade da prospecção. Propomos, então, pensar em uma memória prospectiva, voltada ao planejamento, ao futuro, ao que ainda está por vir. A memória, por si só, não está atada necessariamente ao passado, mas sim a um grupo afetivo, ao coletivo, que a constrói e retoma. De acordo com Halbwachs (2004) a memória individual se apóia no coletivo à medida que dele necessita para existir, já que os fatos em si só ganham sentido quando compartilhados e reconhecidos por outros. Se uma cena vivida em grupo, como por exemplo viagens ou festas de fim de ano, nos foge à memória é porque há muito tempo não pertencemos mais ao grupo onde este momento e suas implicações afetivas permanecem.

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. (HALBWACHS, 2004, p. 38)

Rememorar não é apenas coser pedaços do passado, mas reconstruí-los em um contexto que os reconhece como verdadeiros. Contar memórias partilhadas a um grupo que não as recorda como parte de sua experiência, é apenas inventar uma estória. Recordar uma memória particular é algo válido, mas lembrar de uma experiência partilhada é verídico, pois é um ato que envolve testemunhas - e testemunhos.

A memória é, portanto, uma atividade coletiva, apoiada no social e no contexto lingüístico. Este mesmo autor inclusive afirma que as lembranças, principalmente as da infância, são implantadas em nossas mentes através da narrativa que os outros fazem da cena relembada. É na narrativa, na rememoração coletiva, que as lembranças ganham sentido, já que se mais ninguém além de mim se lembra de um acontecimento, é como se ele nunca tivesse existido.

A comunidade e a coletividade são aspectos essenciais da construção da memória e da lembrança. A fotografia, por sua vez, é um suporte tecnológico que possibilita a fixação da imagem fora da nossa memória e da dos outros, como uma extensão das mesmas. Funciona como um dispositivo de auxílio da memória na evocação de cenas e acontecimentos ou na produção de registros mnêmicos *a posteriori*. Fotografias podem representar um auxílio imprescindível para que possamos criar registros de acontecimentos bastante remotos, tanto de nossas vidas como da história coletiva, da vida de nossos antepassados.

Da mesma importância é a rememoração colocada em palavra sob a forma de narrativa. Narrar, de acordo com Benjamin (1994), não é o mesmo que transmitir uma informação, muito pelo contrário, a narrativa se assemelha muito mais ao conselho do que à notícia. Na informação o que importa é a novidade, a velocidade com que um fato inédito é transmitido. Da velocidade e da novidade vêm o interesse na informação transmitida: o que é velho não nos interessa quando se trata de uma notícia. Já na narrativa o tempo é desacelerado e perpassado por inúmeras gerações. O que desperta nosso interesse é o enredo, o conselho e a sabedoria nela encerrados.

A narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito. [...] O narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia). O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer. Seu dom é poder contar a sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. (BENJAMIN, 1994, p.221)

Na narrativa encontram-se estórias que agregam histórias de vida, que transcendem o narrador e o tempo presente. Ela navega também entre passado e futuro à medida em que surge a partir da experiência de uma ou mais pessoas e se estende de boca-a-boca indefinidamente, ganhando mais presença a cada vez que é recontada e, conseqüentemente, transformada. Cada um que reconta uma história, a ela atribui um novo olhar, uma nova característica, um aumento aqui, exagero ali, construindo uma história viva e dinâmica. É este ponto de vista dinâmico e permeado de histórias vivas que pretendemos trazer à nossa pesquisa com idosos.

A metodologia escolhida para a realização da pesquisa são oficinas de fotografia com temáticas que levantem questões sobre a história de vida, a memória, os desejos, sonhos e o planejamento do futuro. Como pano de fundo teórico-metodológico nos orientaremos pela vertente do Construcionismo Social, desenvolvido no campo da Psicologia por Spink e colaboradores (2000), entendendo, portanto, que a realidade não está dada *a priori* como objetividade absoluta, mas é construída na interação humana, como processo e se constitui fundamentalmente como produção de sentido. Para o construcionismo a realidade é uma construção coletiva, intermediada pela linguagem, e que, portanto, não pode ser concebida desvinculada da produção humana, como algo passível de ser apreendido objetivamente via instrumentos e procedimentos desprovidos de qualquer subjetividade.

Da mesma forma, o sujeito é concebido como produto da linguagem e do contato social: fora de um espaço discursivo o sujeito perde a capacidade de construir sentidos e atuar no mundo. Assim, as pessoas se constroem à medida que, via linguagem, agem e reagem umas às outras, narram suas histórias para nós e sobre nós.

Pautado nessa base epistemológica, o objetivo geral da pesquisa é investigar os sentidos produzidos pelo ato fotográfico na relação do idoso com o tempo e com a memória, dando maior ênfase às possibilidades da fotografia enquanto prospecção do futuro. Para tanto, serão realizadas oficinas de fotografia com um grupo de 10 idosos. Consideramos ser este o número ideal de participantes, relativo tanto quanto ao tempo disponível para a realização da pesquisa, que não permitiria uma análise aprofundada dos dados com elevado número de participantes, quanto à criação de um espaço de fala, coletividade e, finalmente, identidade, no grupo.

Os participantes serão selecionados de acordo com a disponibilidade de trazer uma máquina fotográfica digital para as reuniões, tendo em vista os recursos digitais disponíveis (*datashow*) para a realização da pesquisa. Quanto às oficinas propriamente ditas, haverá um primeiro momento de sensibilização à máquina e à estética fotográficas. As primeiras reuniões, portanto, versarão sobre técnicas e equipamentos fotográficos, bem como o desenvolvimento do olhar fotográfico e do estilo de cada participante. Em um segundo momento as oficinas estarão voltadas ao objetivo da pesquisa, realizadas em torno de perguntas disparadoras, tais como: “o que você quer, do presente, guardar para ser visto no futuro?” “Que imagem ou cena você tomaria agora pra representar algo que ainda não aconteceu em sua vida, mas que você pretende que aconteça no futuro?”

O grupo será estimulado a compartilhar os sentimentos e reflexões a respeito de cada etapa das oficinas a fim de solidificar as experiências e memórias construídas nas reuniões. Na etapa final da pesquisa, após as oficinas de fotografia, serão analisadas as fotografias e narrativas produzidas pelo grupo, levantando os conteúdos mais frequentes e enfatizados e formando categorias ao percorrermos a memória retroativa, a prospectiva e os sentidos dados a estas produções.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras Escolhidas** v.1, 2.ed. São Paulo, Brasiliense, 1994, p. 197-221 (escrito em 1936 sob o título Der Erzähler: Betrachtungen zum Werk Nikolai Lesskows).
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- SPINK, M. J. P. (Org.) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 2000.

Recebido: 31 de janeiro de 2010.

Aprovado: 24 de outubro de 2010.